

estrema

Revista Interdisciplinar de Humanidades
Interdisciplinary Review for the Humanities

Para citar este artigo / To cite this article:

Ganhão, Mónica. 2015. “Atelier, Novela Vertígica’: a expressão da alma e a criação do atista sublime”. *estrema: Revista Interdisciplinar de Humanidades* 7: 55-80.



Centro de Estudos Comparatistas

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centre for Comparative Studies

School of Arts and Humanities/ University of Lisbon

<http://www.estrema-cec.com>

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

**“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime**

Mónica Sofia Gomes Ganhão¹

Resumo: Neste ensaio analisar-se-á o texto de Raul Leal incluído em *Orpheu 2*, “Atelier, Novela Vertígica”, cotejando-o brevemente com o de Castello de Moraes que deveria ter sido incluído em *Orpheu 3*, “Névoa”. Discutir-se-ão questões presentes nestas obras como sejam: a cisão entre “eu” e “outro” tão cara aos autores modernistas portugueses; a problematização da expressão artística e de qual o meio artístico ideal para a sublimação da arte; o que é, segundo Leal, a arte e o artista sublimes e superiores. Concluir-se-á que, segundo a obra de Leal, a expressão sublime da arte será aquela que necessitar de menor mediação material e que transmitir, por isso, a espiritualidade, a alma de forma mais pura. Já o artista sublime será aquele que conseguir criar e sentir essa arte da forma mais espiritualizada possível, tornando-se a si próprio e à sua vida arte em si.

Palavras -Chave: Espírito; matéria; sublime; artista; arte.

Abstract: This essay is a critical reading of Raul Leal’s text published in *Orpheu 2*, “Atelier, Novela Vertígica”, and brief comparison with Castello de Moraes’s text which should have been published in *Orpheu 3*, “Névoa”. Several issues arised by the texts will be discussed: the gap between the self and the other, a commonly discusssed issue by portuguese modernists; the questioning of artistic expression and what is the best means to create sublime art; what are, according to Leal, the sublime and superior art and artist. It will be concluded that, according to Leal’s work, the sublime expression of art will be the one that requires less physical means to be created and that translates, therefore, spirituality and soul most purely. The sublime artist will be the one who can feel and create that art in the most spiritualized way possible, turning himself and his life into art itself.

Keywords: Spirit; matter; sublime; artist; art.

¹ Mónica Ganhão é licenciada em Artes e Humanidades (com *Major* em Estudos Portugueses, um *Minor* em Estudos Ingleses e outro em Estudos Norte-Americanos) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é presentemente mestranda em Estudos Românicos, com especialização em Literatura Portuguesa, na mesma instituição. Os seus interesses incluem literatura e cultura portuguesas, literatura inglesa e literatura e cultura norte-americanas.

Introdução

Raul Leal (1886-1964) é um dos colaboradores de *Orpheu* menos conhecidos e reconhecidos, com uma obra largamente inédita e, em parte, incógnita, ainda que bastante complexa, sobretudo devido ao sistema filosófico e religioso que o autor desenvolveria: o Vertiginismo. Este sistema vai sendo esboçado, de variadas formas, desde os seus primeiros textos, mas será obsessivamente desenvolvido a partir de 1913.² O seu único texto em *Orpheu 2* é, por estas razões e outras que demonstraremos neste trabalho, bastante complexo e digno de estudo aprofundado, não devendo, por isso, ser esquecido no meio de outras composições de autores menores de *Orpheu*.³

Neste ensaio, fazendo uma leitura direcionada de “Atelier, Novela Vertígica”, tentaremos demonstrar como este texto é, de facto, uma construção valiosa no seio da principal revista modernista portuguesa, distinto de outros textos epigonais e digno de ser resgatado, para sempre, de entre eles. A nossa leitura será guiada e progressiva, acompanhando o texto

² “Quem é Raul Leal? Começa por publicar, logo aos 24 anos, em 1910, uma conferência: *A Situação do Estudante em Portugal*. Não tem nada a ver com o que o título indica, e, em períodos desmesurados, que forçam a sintaxe a prodígios de elasticidade, toca temas de análise rácica e nacionalista muito datados, na base de um positivismo naturalista ambiente. É o seu primeiro texto, mas já o caracteriza o que até ao dia da morte todos os seus textos foram: uma variação em torno do pólo temático do «feérico ideal da sublimidade», da convulsão infinita. Só a partir do mais longo (135 pp.) ensaio *A Liberdade Transcendente*, de 1913, e do conto em *Orpheu 2, Atelier*, é que essa incessante variação se vai centrar na palavra «vertigem».” (F. Martins 2008, verbete “Leal, Raul”).

³ “[...] a necessidade de se vir a estudar exaustivamente a actuação e a obra de Raul Leal (1886-1964), autor insuficientemente atendido, que acompanha Fernando Pessoa em diversos projectos comuns, com ele partilhando bem mais do que à primeira vista pode parecer, e que consideramos revestir-se de importância bem superior ao estatuto de mero personagem secundária do teatro de *Orpheu* que habitualmente lhe é concedido.” (Lopo 2013, 2).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

no seu desdobramento, e centrar-se-á em algumas das questões que nos parecem de maior interesse na novela, entre as quais a problemática da dissociação entre “eu” e “outro” e a reflexão sobre qual o meio de expressão artística mais adequado à transmissão da interioridade e espiritualidade do sujeito (não exploraremos a tese filosófica que Raul Leal deixa entrever na novela⁴).

Sendo estas temáticas comuns a muitos outros colaboradores de *Orpheu*, e não reflexão particular de Raul Leal, escolhemos um outro texto que nos parece ideal para relacionar com “Atelier”, tendo sempre em mente o resgate deste ao esquecimento a que tem sido relegado: “Névoa”, de Castello de Moraes, que deveria ser incluído em *Orpheu 3* caso este volume se tivesse publicado. Não estudaremos “Névoa” em pormenor, optando por nos focarmos somente nos pontos de contacto que estabelece com a novela de Leal, quer por contraste, quer por semelhança. Utilizaremos este texto como forma de realçar a superioridade de Raul Leal enquanto autor, criando propostas artísticas mais trabalhadas e bem conseguidas que muitos dos seus esquecidos companheiros, encontrando as soluções que a esses escaparam e devendo destacar-se, por isso, deles.

“Atelier, Novela Vertígica”: o nascer do artista sublime

“Atelier, Novela Vertígica” de Raul Leal é um texto que, a uma primeira leitura descomprometida, deixa transparecer uma atmosfera ainda

⁴ Para um resumo sucinto mas claro dessa tese, sobretudo quanto ao seu pendor religioso veja-se: “O teatro mínimo de Henocho. Uma leitura de *O Incompreendido (drama psicopatológico em 3 actos e 4 quadros)*, de Raul Leal”, de Márcia Seabra Neves.

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

marcada pela estética finissecular e pelas suas variações paúlicas, mais ou menos modernas, de *Orpheu*. A reiteração de vocábulos caros a essas estéticas (“Sonho”, “sombrio”, “alma”, “dor”, “lunar”, “Ancia”, etc.), bem como a utilização frequente de maiúsculas e de pontuação expressiva significando o vago, o misterioso e o incerto atesta, logo nos primeiros momentos do texto, essa tendência finissecular:

Em ondas de perfume estranho as convulsivas exalações do Sonho iluminam vagamente o lar sombrio do artista que outra luz quasi não possui. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 116)⁵

De paúlico nota-se, ainda, o processo de escrita comum aos poetas de *Orpheu* e que se caracteriza pela utilização de expressões e construções frásicas que traduzam, ao invés de ideias perceptíveis racionalmente, imagens e estados que possam ser captados como um todo sensorial. O melhor exemplo deste processo talvez seja o nome da personagem Lunar que o envolve, desde logo, em mistério e indefinição através desse jogo de luz e sombra associado ao lunar e à noite. Porém, como verificaremos, o texto de Raul Leal vai muito além de uma mera composição epigonal e incharacterística.

Deixemos claro, desde já, que o nome Lunar é muito mais do que o que já afirmámos. A atribuição do nome “Lunar” a uma personagem não fica, de modo nenhum, por essa mera transmissão de uma imagem sensorial através da palavra, que se poderia associar à já mencionada estética paúlica. De facto, esse nome torna-se parte constitutiva e essencial da construção do modelo, torna-se uma característica sua que se revelará central para a sua

⁵ Para facilitar a transcrição de excertos actualizamos a acentuação mantendo, porém, a grafia presente na edição consultada.

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

figuração enquanto personagem. Luar não está só envolvido numa ambiência de mistério, luz e sombra; Luar é esse mistério e esse jogo de luzes, personagem algo indefinida, algures entre a noite e a luz desvanecida. Por outro lado, Luar é também uma figuração espelhada do próprio autor dentro do seu texto, o que se revelará, como veremos, muito significativo (P. Martins 2012, 144).⁶

Vejamos, então, alguns dos traços de modernidade e Modernismo mais relevantes desta novela. O primeiro de grande relevância trata-se de uma hibridez de género que dificulta, apesar do subtítulo, a classificação do texto. De facto, “Atelier” parece ser uma conjugação entre poesia e prosa, uma espécie invulgar de prosa poética, que recorre a uma linguagem bastante complexa, com recursos estilísticos (nomeadamente o hipérbato) que ampliam o discurso para além do texto narrativo. Porém, trata-se, de facto, de uma novela ao apresentar essa linguagem poética em formato de prosa corrida e organizada numa espécie, também invulgar, de narrativa.

Por outro lado, é um texto que não parece apresentar, pelas razões que expusemos acima, relações íntimas ou símile no seio da revista *Orpheu*. Os outros textos seus parentes em prosa têm um cariz mais descritivo constituindo breves parágrafos que apresentam momentos quase fixos, quase pictográficos, sem acção ou evolução na narrativa (veja-se “Frizos” de Almada Negreiros); ou pequenas histórias quase estáticas, em que não existe, propriamente, um enredo, mas só uma sucessão de momentos entrevistados e descritos (veja-se “Apoz o Rapto” de Albino de Menezes; “Por Esse Crepúsculo a Morte de Um Fauno” de Augusto Ferreira

⁶ “O mais evidente é a figura anaclicca designando o modelo, Luar, a partir do nome do autor, Raul.” (P. Martins 2012, 144).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Gomes; ou “Névoa” de Castello de Moraes). “Atelier” é um texto mais complexo com um enredo em que, não existindo acção propriamente dita, existe uma progressão e intensificação de atmosferas que levam a um culminar propositado, bem como uma problematização e exploração de conceitos e questões complexas. A confusão de géneros é levada ainda mais longe através da carta de Luar que é incluída no final da composição. Trata-se, assim, de uma “novela” filosófica, numa espécie singular de prosa poética e em que se verifica a existência de várias entidades com carácter autoral: o autor do texto, Raul Leal; o artista e Luar.⁷

O início do texto coloca, de imediato, o leitor perante uma cena peculiar: a de um artista defronte de uma tela e de um modelo, sendo que as atenções são concentradas não no artista, mas no modelo Luar, isto é, não no “eu” (já que o artista se poderia associar ao autor, o que veremos que não acontecerá), mas no “outro” e, ainda, nesse “outro” enquanto tenta comunicar ao artista a própria arte:

Compreende a arte, no seu espírito sente a expressão do belo que todo o arrasta [...]. É gigantesca a sua personalidade que ao belo tudo sacrifica, que só do belo sabe viver!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 115)

Os papéis parecem, deste modo, inverter-se desde logo, fixando-se o modelo enquanto detentor da arte e o artista enquanto mero receptor e perceptor desse belo transmitido.

⁷ “Pelo que mais uma vez se revela o seu trabalho como fusão entre poesia, ficção e especulação filosófica. Essa vontade de superação entre géneros e códigos, de encarnação na vida quotidiana da própria energia de síntese por que se queria provocar a irrupção do novo, essa materialização do Ideal [...]” (F. Martins 2008, verbete “Leal, Raul”).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Vejamos, então, quais as questões e reflexões colocadas pelo texto.

A primeira é o problema da dissociação/unificação entre “corpo” e “alma” em Luar:

A poucos passos de uma tela, profunda como a dor que ela evoca, o modelo por entre as vibrações de uma alucinação sinistra todo vigorosamente contorce a alma, pelo semblante derramando a tortura que a alma cava. [...] e ansiosamente procurando ao artista transmitir a sublime inspiração da dor, forte, arrebatadora, na própria fisionomia a idialisa torturando o espírito que só assim, no semblante se concretiza...pela dor! (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 115)

Luar esforça-se por traduzir no corpo a expressão íntima da alma, algo que consegue só através de um esforço de concentração extremo e não através de uma mediação automática. A expressão sublime do belo é, assim, a expressão dessa “dôr” que Luar tem na alma pelo que, numa primeira instância, o que se nos apresenta é um “sacrifício” da personalidade e do corpo ao belo e à expressão dele; quase uma anulação do sujeito identificável e distinto perante a arte (a dor) que tenta transmitir do espírito para o corpo e do corpo para o artista. É, entretanto, uma tentativa quase sobre-humana da expressão do “espasmo eterno da Existência”, de uma “síntese suprema do Universo”: Luar quer tornar o seu corpo, através da “convulsão” e tortura do seu espírito, a expressão sublime desse “horror” da Existência – expressão sublime da dor Universal e não humanizada, da dor em si. Essa dor é, por sua vez, a expressão sublimada da arte.

Luar é, por isso, o “modelo idial” que almeja concentrar em si o belo despersonalizado e desumanizado (a desumanização da arte é, também, uma das características do Modernismo) sem qualquer mediação ou insinuação da sua individualidade subjectiva. Por outro lado, a arte que Luar ambiciona

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

transmitir é uma expressão do Belo em espírito, em alma, em transcendência, algo só perceptível ou captável em espiritualidade, sendo o corpo mero veículo para a expressão e não o objecto de arte em si. O corpo em que Luar derrama essa arte da dor é equivalente à tela em que o artista representaria o modelo:

E nesses instantes tudo nele vibra, tudo que é nele o Espírito... Da sua concepção trágica se alimenta, alimentando-se, assim, da sua alma, da sua alma que se torna a alma da Existência! (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 115-116)

Desse modo, corpo e alma estabelecem entre si uma relação simbiótica e complexa: são imprescindíveis um ao outro, já que a alma precisa de subjugar o corpo para nele transparecer; mas, ao mesmo tempo, repelem-se, porque o corpo é um mal necessário à expressão da alma, essa sim sublimada pela dor.

Outra questão levantada pela novela prende-se com uma outra instância de relações – as que se estabelecem entre o artista/pintor e Luar:

Através do seu delírio, do sonho convulsivo que todo o arrebatava, ele desperta o artista que assim, todo se sublima também! É Luar a própria inspiração que o artista eterisa... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 116)

Luar pretende, através do corpo, transmitir a sua alma ao artista, infundi-lo com ela para que ele, depois, a possa fielmente reproduzir na sua tela. O “sonho”, a “alucinação vibrante” e “sinistra” de Luar expande-se para além de si infiltrando-se na atmosfera e em tudo o que os rodeia:

Sim, tudo na alma de Luar se transforma e tudo ardentemente ele quer transformar...! Ele quer transformar tudo no seu espírito arrebatando!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 116)

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Esse poder de expansão e transmissão justificaria a “personalidade genial” de Luar, capaz de transparecer o Belo – isto é, a dor sublime – sob a forma de sensações perceptíveis. O artista é, assim, para Luar, aquele que se diviniza porque se deixa dominar pelo objecto inspirador que é ele próprio e o seu sonho, podendo depois recriá-lo e fazer dele arte:

É para o artista que a sua alma trabalha, é pois, o artista que na sua concepção mais se divinisa...! É ele o reflexo vibrante do seu sonho, do sonho que o forma, em que convulsamente todo se eterisa...! Suprema emanção se torna da sua alma!... Só a inspiração o sublima, o personaliza – e a inspiração é Luar! (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 116)

A relação entre o pintor e Luar é, pois, também ambígua, um misto de dependência e dominação, já que Luar ambiciona subjugar o artista ao poder da sua alma, mas precisa dele como meio para transposição do seu espírito para a arte; deseja arrebatá-lo com o seu “sonho”, fazê-lo senti-lo inteira e intensamente, torná-lo “emanção da sua alma” para que este a possa expressar como arte.

Porém, contrariamente ao desejo de Luar, existe uma cisão intransponível entre si e o artista e nesta questão reside um dos núcleos em torno dos quais se constrói todo o texto. O “sonho” de Luar repercute-se no artista, apesar de todos os seus esforços e desejos, de forma esbatida, como um mero reflexo daquilo que de si próprio emana. A transposição da alma de Luar para o outro, a sua transmissão através dos sentidos é incompleta e imperfeita (note-se a ligação inevitável com o nome do modelo – o efeito da sua alma sobre o pintor é como essa luz desmaiada, mero reflexo de outra mais intensa):

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Uma luta íntima, obscura se gera! Impetuosas são as convulsões de espírito que, emanadas de Luar, a personalidade do artista sacodem toda mas, como resplendor diáfano de uma luz infinita, no artista surgem esbatidas, perdendo-se através do espaço!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 116)

Essa cisão entre artista e modelo implicaria, então, a criação pelo pintor de arte também imperfeita, como que arte em segunda mão, mal compreendida e incompletamente mediada – muito aquém da “alma” que Luar desejaria ver transformada em obra de arte – que levaria ao afastamento fatal entre as duas personagens:

Luar teme ser incompreendido. Se toda a sua paixão sobre o artista desencadear num deboche supremo, paroxismo da arte, o artista que, simples reflexo do foco inspirador, o não atingiu ainda, e nublada instável, simples irradiação do sonho em que vagamente se banha, toda poderá romper, perdendo-se para sempre da alma de Luar numa queda fatal. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 117)

O artista é, assim, um mero “reflexo” daquele que o inspira, uma força secundária ao objecto de representação. Luar, objecto inspirador da arte, é, desse modo, o núcleo da criação artística, com uma centralidade muito superior à do pintor, este quase relegado à condição de simples instrumento de transmissão da arte que deve ser dominado por aquele que o inspira:

A arte, em seu luxurioso paroxismo espasmo da dor, ainda na alma do artista se define, se concretiza em imagens, só a imagem ele concebe, não concebe o Espírito, o Absoluto Indefinido que num deboche de espírito vertiginosamente se desencadearia!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 117)

O desejo de Luar parece ser o de uma total união e unificação espiritual com o artista para que este lhe possa expressar a alma em arte. Contudo, a dissociação entre ambos revela-se insuperável, persistindo em

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Luar a percepção do artista como um “outro” que o faz temer a incompreensão e a impossibilidade de uma unificação total entre ambos; o artista admira Luar como um objecto, não permitindo essa união idealizada:

Luar quer o artista arrebatado emfim, por totalmente o interiorizar em si através de um deboche convulsivo – ardentemente anseia mas o temor hesitante o torna, o temor de ser incompreendido, de como simples animal, cheio de cio, ser considerado, emfim, de perder para sempre a alma a que tanto aspira!... [...] E o artista admira Luar, não o sente, nas convulsões da sua alma não se quer fundir... Não admiramos o que a nós é estranho, sentindo então, o que já não admiramos?... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 117)

Ainda que o modelo insista em tentar penetrar a alma do artista, repercutir nele a sua e o seu “sonho”, a sua “dor”, o outro é um *voyeur* curioso a propósito desse espírito peculiar de Luar, “admirador” do objecto de representação sem se deixar por ele dominar:

um ponto de luz sinistra, numa expressão vaga de sonho, ao fundo se esboça através da lividez da morte e como que indiferente ao turbilhão lúgubre de dor que só a alma de Luar soube criar!... É o artista que, espiritualizado na concepção sublime do modelo, na alucinação tenebrosa da sua alma estranha, ao longe vagueia a alma perdidamente, num cinismo de esteta friamente admirando a dor que, num debate prodigioso, o espasmo da morte intensifica através de um caos infinito, numa vertigem convulsiva...! Sôfregos turbilhões a alma de Luar do seu próprio âmago tenebroso arranca mas, quais vagas impetuosas que todas se despedaçam, se percam de encontro ao trágico granito, as torrentes tempestuosas desse feérico oceano espiritual todas aterrorizadamente se quebram por entre as rígidas malhas impenetráveis da alma do artista! (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 117)

O modelo, vendo o seu desejo inconcretizável, desiste, desvanecendo-se, por momentos, iluminado pelo artista que, paradoxalmente, incorpora as características que o nome de Luar renunciava – luz fraca e sombria, reflexo frouxo da alma do modelo quando reproduzida no outro, mero reflexo da sua alma real:

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

[o modelo] caindo, então, numa prostração infinda em que toda a sua alma se dissolve, como que um campo noturno se torna numa batalha passada o qual uma luz pálida, sombria de lua vagamente ilumine, a luz vaga que o artista da sua alma toda, então, exala!... [...] e agora, sempre sereno, frio, lúgubre, a sua pálida luz [do artista] derrama na alma do modelo através duma vaga neblina silenciosa, da névoa melancólica em que a alma de Luar toda se exala, se esvai!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 118)

Luar quase se desfaz ao transpor-se para o artista já que a única transposição possível é sob essa forma pálida, esbatida, imperfeita e incompleta. Numa última tentativa de arrebatá-lo o pintor ambos compreendem a total impossibilidade da concretização dos desejos de Luar:

O artista cheio de pasmo o olha, e naquela arrancada impetuosa ambos na terra se despenham, esquecendo o sonho, a alucinação... [...] O paroxismo da dor não pode ser atingido, para ambos se perdeu...! (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 118)

O pintor não se deixa penetrar e Luar despenha-se vendo a sua alma intransmissível. Voltaremos a este momento mais adiante para o explorar melhor enquanto momento de maior sensualização da relação entre ambas as personagens.

O que se questiona nestes trechos que transcrevemos é, afinal, aquilo que Fernando Pessoa e outros de *Orpheu* problematizaram abundantemente: como colmatar a cisão entre um “eu” e um “outro” (quer se trate de duas individualidades distintas ou de desdobramentos interiores de uma mesma individualidade); como transmitir a sensação (ou a alma), o objecto inspirador de arte, ao artista sem que se estabeleça uma cisão entre esse objecto e aquele que o representa. É dessa dissociação entre artista, objecto inspirador (sensação sentida) e obra de arte final (sensação representada) que trata o poema de Pessoa, “Autopsicografia” (composto num período já posterior ao de *Orpheu*, contudo, e que aqui utilizamos só a título de

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

exemplo largamente conhecido). Há sempre, necessariamente, um distanciamento entre o objecto de representação e aquele que o pretende representar: o artista é aquele que admira esse objecto como algo exterior, com indiferença e que não o consegue exprimir directamente. Na composição pessoana esse “artista” estabelece-se como um desdobramento dele próprio, que actua independentemente mediando e intelectualizando a sensação sentida; em “Atelier” essa dissociação constrói-se através da criação de duas personagens distintas – o artista suposto criador e Luar suposto objecto de inspiração – entre quem a comunicação se torna difícil, sendo o artista esse “poeta fingidor” falhado, que não consegue compreender a sensação e, por isso, também a não pode transformar em arte.

Por outro lado, denuncia-se nesta novela a incapacidade do pintor e, por isso, da obra de arte plástica por ele produzida para exprimir a “alma”, o “Espírito”, o “Absoluto” inteiramente: a pintura acaba sendo sempre uma mediação imperfeita e incapaz, algo que, chegando a ser feito, se revela sempre impuro.

Isto traz-nos a outro dos problemas levantados pelo texto. A par da relação artista/Luar, revela-se igualmente nuclear a relação também complexa entre matéria e espírito, como já deixámos entrever acima. A matéria é, para Luar, mero intermediário para a expressão artística do espírito, pelo que todo o risco de materialização será um risco de vulgarização da arte evitado e temido por si.⁸

⁸ Algo que também se manifesta em *O Incompreendido (drama psicopatológico em 3 actos e 4 quadros)*: “Na sua perspectiva, só o Espírito existe e é através dele que se consubstancia a realidade das coisas e da própria Existência. [...]// Com efeito, Jorge articula a sua filosofia da vertigem em torno de uma dicotomia estruturante, opondo Matéria e Espírito,

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

No início da segunda parte da novela o artista parece ter-se finalmente, após “alguns dias”, deixado invadir pelo sonho de Luar e querer com ele fundir-se sensualmente. Para o artista, o completar dessa invasão e da dominação espiritual de Luar só se poderá fazer através da carne, através da fusão sensual e física. Todavia, Luar repele-o e não permite a consumação do desejo:

Os transe variados em que bruscamente se lançara Luar naquela tarde trágica, essa variedade de transe que o modelo tão vigorosamente suportara, entontece-lhe a alma, já não o admira apenas, deseja-o e cheio de ardor, de ancia!... // «[...] Quero-te pois, a tua ancia é, hoje, a minha; sem os teus beijos profundos não posso passar, a minha carne na tua se entranhará para que na tua alma se espiritualize toda!...» E procura-lhe a boca. Luar suavemente o afasta [...] (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 118)

A razão pela qual o faz explicá-la-á na carta que segue este trecho e que permite a confirmação do que já se vinha anunciando: da figura de Luar superiorizando-se ao artista e estabelecendo-se não só enquanto objecto de inspiração artística, mas também enquanto artista-ele-próprio por meio da escrita.⁹ Nesta carta, abre-se o jogo que se vinha fazendo subtilmente: coloca-se em oposição e contraste duas formas de expressão artística – pintura e escrita – valorizando-se uma e relegando-se a outra para um plano inferior. Luar, o verdadeiro artista da novela,¹⁰ aquele que sente a verdadeira arte, elege a escrita como único meio possível para a expressão pura da

relacionando-se o primeiro destes pólos com a bestialidade da vida terrena, governada pelo Império da Razão e do Materialismo que tolhem a vida anímica e espiritual.” (Neves n.d., 129); mais adiante: “Esta penúria material [cenográfica de *O Incompreendido*] é inversamente proporcional ao poder analítico e revelador da palavra de que visivelmente se alimenta a fábula dramática.” (135).

⁹ “Além disso, a carta da última parte do texto explica que o apagamento do modelo, frente ao desejo carnal, é a única via possível para que o artista realize a verdadeira arte.” (P. Martins 2012, 146).

¹⁰ “Na última parte da narrativa [...] o autor propõe através desta personagem uma figura do artista singular.” (P. Martins 2012, 148).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

alma, para o derramar da espiritualidade sem a profanação materializante inevitável na pintura:¹¹

Estranharás talvez que só agora te exponha o meu sonho derradeiro mas preciso de toda a minha alma e, só quando escrevo, aos borbulhões caudalosamente a broto de mim. Sem a pena, mantenho-me numa concentração trágica, mal mostro aos outros o meu espírito. É que o derramamento da alma no papel é ainda quasi espiritual, a alma em excesso se não exterioriza, impuramente se não materializando. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 119)

A escrita, por ser quase imaterial, mantém a espiritualidade da alma que se escreve, não a conspurcando através do uso da matéria para a expressão da arte. A escrita é, para além disso, o único lugar artístico em que é possível a expressão do “indefinido”, já que a arte escrita não é profanada pela materialização excessiva de que sofre a pintura, não se banalizando. É, ainda, a forma de expressão artística que mais próxima se encontra da vida que deverá ser, ela própria, “arte pura”:

Pois bem, o indefinido a que na arte nós aspiramos, essa ancia, esse desejo infinito e jamais satisfeito deve encher a nossa vida que a mais alta expressão se tornará assim, da arte pura!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 119)

Esse horror pela matéria é o que leva Luar a não consumir a união sensual com o artista. Num momento de desespero, vendo que não conseguia comunicar-lhe a sua alma através da sua manifestação corporal (que constituía já uma mediação indesejada), lança-se ao pintor tentando transmitir-lha pelo contacto físico, pela utilização da matéria e da sensualidade. Tendo falhado também nesta última tentativa de realizar a

¹¹ “Como escreveu G. Ponnau a propósito das narrativas fantásticas do século XIX, «A escrita constitui a última defesa de quem se sente ameaçado de tornar-se estrangeiro a si mesmo. O jornal, a carta ou o fragmento fazem lugar de parapeito. Escrever é uma tarefa destinada [...] a abolir a intolerável confusão entre ele e o invasor estrangeiro [...], duplo, vampiro ou reflexo [...]. (PONNAU, 1987, p. 96)”, (P. Martins 2012, 144).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

desejada unificação total entre ambos, quando o desejo físico finalmente se apodera do artista, Luar rejeita-o e recusa a união sexual consigo. A carta que lhe envia declara e defende a superioridade da “Existência” espiritual e transcendental sobre a material, justificando, assim, a necessidade da ausência de envolvimento físico e da permanência e cultivo do desejo insatisfeito, já que só ele se pode manter estritamente espiritual:

Afastemos, pois, a nossa carne. Se a satisfizéssemos, não, se satisfizéssemos o espírito que, só ele, através da carne atua, banalisar-nos-íamos, ao nosso drama daríamos um final burguez! [...] Sejamos estetas, vivamos eternamente do desejo que, só ele, personalisa a alma, para a vista espiritual gigantesca tornando-a!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 120)

Não analisaremos aqui em detalhe a carta de Luar, já que se prende intimamente com outros textos de Raul Leal e com a sua teoria filosófico-religiosa: o Vertiginismo. Digamos só que, dentro de “Atelier”, a Vertigem parece ser essa vida toda espiritualizada, essa “actividade pura” em que a dor, a tortura, a convulsão, a ânsia são elementos imprescindíveis à expressão sublimada da “Existência”:

E não exprime a dor, e sobretudo a ancia o convulsionismo transcendente, torturado, contorcido da actividade pura, espiritual?... não é ela a expressão sublime da Vertigem?... Na dor, na ancia devemos viver!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 119)

Por outro lado, a apologia do “Indefinido” na arte e na vida¹² que se vai fazendo ao longo de todo o texto ecoa, de algum modo, o tom “vago, subtil e complexo” que Fernando Pessoa defende como sendo o que caracteriza a “Nova Poesia Portuguesa” no seu artigo *A Nova Poesia*

¹² “[...] importância do vago, da divagação e da indefinição, conceitos cruciais do movimento reflexivo *vertiginista* proposto por Raul Leal, de indistinção de todas as definições e alargamento de todas as possibilidades cognitivas e existenciais” (Lopo 2013, 5).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Portuguesa Sociologicamente Considerada, aqui levado a um extremo para lá do que Pessoa afirmava, alargando-se à própria vida em si:

E não só na arte deve existir a ancia mas também na vida, a ancia dolorosa do Indefinido!... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 120)

“Atelier, Novela Vertígica” é, como tentámos mostrar, muito mais que um texto menor em *Orpheu*. É uma composição de difícil classificação em género, que se apresenta, acima de tudo, como uma reflexão filosófica sobre a arte, a vida e a representação do espírito. Questiona-se, neste texto, a legitimidade da arte plástica para a expressão da alma e da essência espiritual (a única pura e digna) da vida, apresentando a matéria como mero meio para alcançar a concretização do espírito. Em contrapartida, a escrita é defendida enquanto meio ideal para a manifestação dessa espiritualidade, por não se verificar nela a banalização do espiritual através do material.

Luar, por sua vez, revela-se, afinal, o verdadeiro e completo artista: aquele que consegue expressar a alma através do corpo (já em si um acto artístico), utilizando-o como meio material infelizmente necessário para a manifestação do espírito; e, num segundo momento, aquele que consegue derramar a alma em escrita e transmiti-la através desse único meio artístico adequado à sua expressão fiel. A personagem do pintor vê-se, deste modo, desvalorizada, subjugada, por precisar de recorrer à matéria, ao físico e ao sensual para conseguir alcançar a expressão espiritual e a criação de arte (que não chega, sequer, a completar). Luar é, por outro lado, o artista completo porque, além de criador de arte, é também objecto inspirador da mesma, aquele que faz surgir a necessidade da arte e do artista, o objecto de arte em si mesmo. É, por isso, a “personalidade sublime e genial” que

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

contém em si os opostos – o meio de expressão e o objecto inspirador. Luar ultrapassa a cisão e dissociação entre artista (criador de sensações em arte) e objecto inspirador (sensação experienciada) que inicialmente tematizou; ultrapassa ainda, e mais significativamente, a fronteira entre arte e vida, unificando-as numa “Existência” superior e sublimada.

Será curioso notar, ainda, aceitando a hipótese plausível de que Luar seja uma projecção de Raul Leal dentro da sua obra,¹³ como tudo culmina num engrandecimento da figura do autor e do seu meio de expressão de eleição – a escrita.

“Névoa”: a união impossível

Apesar da invulgaridade do texto de Raul Leal no seio de *Orpheu*, apresentando-se como um género híbrido em que se fazem reflexões complexas e detalhadas, as questões levantadas por “Atelier” são também tratadas por outros autores dentro da revista, revelando-se enquanto preocupações estéticas geracionais, modernistas. Exemplo disso é um outro texto em prosa poética, ainda que bem menos híbrido e trabalhado que a novela de Leal: “Névoa” de Castello de Moraes, que deveria ter sido publicado em *Orpheu 3*.

¹³ “Nesta obra encontramos ainda a assunção de uma espécie de messianismo artístico e filosófico [...], profetizando-se a vinda iminente de uma figura redentora designada como o *Hiperesteta*, por si preparado (numa hiperbólica e teatral assunção da sua importância pessoal que sempre o acompanhará [...])” (Lopo 2013, 5). Veja-se, ainda, o que diz Márcia Seabra Neves a propósito de *O Incompreendido*: “Uma análise do drama psicopatológico de Raul Leal não deixa dúvidas de que, intermediada pelo protagonista, é a voz de Raul Leal que se ouve, é a sua presença que se insinua por detrás da *persona* de Jorge. O seu repúdio pelo materialismo e a sua ânsia de espiritualização encontram-se transvazados na sua peça [...]” (Neves n.d., 135).

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Deter-nos-emos unicamente num aspecto deste texto que ecoa alguns dos problemas levantados pela novela: o questionamento sobre qual o meio mais propício à comunicação bem-sucedida de ideias e pensamentos, que leva, inevitavelmente, à constatação da eterna dissociação entre o “eu” e o “outro”.

Em “Névoa” deparamo-nos com o surgimento de duas personagens (se assim se poderão chamar) correspondentes a esse “eu” (um “eu” mais marcado do que em “Atelier” já que se trata de uma enunciação na primeira pessoa, sem intermédio de um narrador não participante) e a esse “outro” existentes, porém, dentro de um só sujeito: o sujeito em si e a sua alma. O que se coloca em questionamento, um pouco mais adiante, é a comunicação entre essas duas entidades que se revelará falhada e impossível.

Inicialmente, e em contraste com o que Leal defende na sua novela, o narrador de “Névoa” proclama a necessidade do silêncio, da ausência da palavra para que a imagem, o olhar se lhe possa sobrepor e estabelecer enquanto mais pura forma de expressão da interioridade:

Mas pedi-lhe que não fallasse, dizendo-lhe evocar o silêncio para lhe entender os olhos... [...] Mas queria deixar no meu Hontem uma impressão de mysterio/ Essa impressão não podia ficar da palavra; só podia havê-la d’um olhar profundo na névoa densa... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 226)

O material, o visual, o sensorial e o físico, contrariamente à posição de Luar, são assim defendidos como a melhor forma de expressão por serem aqueles que permitem a permanência do mistério, do “Indefinido” a que almejava Leal. Neste texto, a expressão da interioridade e a comunicação do “eu” com a sua alma faz-se com privilégio do corpo, através do “olhar

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

profundo” e do silêncio. A palavra é inicialmente desvalorizada como desmistificadora, banalizadora da “Ideia Pura” e do “Pensamento”, ocupando, assim, o lugar que tinha a matéria na concepção de arte de Luar:

Pedi-lhe que não fallasse para não acordar o Tormento Novo. Contei-lhe que vinha soffrendo uma angústia inédita: o Mal da Palavra. Por isso tinha de perdê-la, arrancá-la de mim para só lhe fallar em Pensamento, em Ideia Pura, a que não manchasse a lepra do vocábulo. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 226)

É interessante notar como a referência à “Dor” no texto de Moraes se estabelece também por contraste com a de Leal. Enquanto em “Atelier” Luar se esforça por uma expressão totalizadora da dor – a dor universal e sublimada, a dor em si, “síntese da Existência” –, o narrador de “Névoa” deseja antes uma “Dôr Nova”, especial porque inédita, “virgem”, sem nome (e, por isso, não banalizada pela palavra), ao mesmo tempo que desvaloriza as dores já sentidas (e, portanto, a hipotética “dor universal”) por terem sido já posse de outrem:

Sentimos banal todo o sentimento concreto, porque já fora d’outrem e tentámos crear para nós a Dor Nova, a dor que não tem nome e por isso é virgem, absoluta, sem remédio. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 226)

Contudo, o insucesso comunicativo vai-se anunciando, como havia sucedido com Luar e o artista. A comunicação entre “eu” e alma parece não ser perfeita, a sincronia não se efectiva, a “Ideia” não se expressa de forma irmanada em ambos:

Íamos pouco a pouco alheando-nos por não conseguirmos a *Ideia que sendo a mesma ao mesmo tempo gerasse em ambos o gesto perfeito no Instante propício...* (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 227)

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Deste modo, o silêncio, a imagem e os sentidos revelam-se também ineficazes para transmitir a “Ideia”; a comunicação, como havia acontecido entre Luar e o artista, permanece imperfeita e incompleta:

Doeu-me no craneo a impotência do silêncio para transmitir a Ideia e senti-A tao distante como quando me fallava.../ A sermos a *Alma-una* teriam as pálpebras dela tombado inertes pela minha vontade como seres dependentes d’um foco vital comum... Mas erguera-se e tao alheia era da minha obra e da obra da Noite que procurava o Sol... (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 227)

A unificação entre “eu” e alma é, como a outra entre Luar e artista, impossível, falhada; a cisão entre o “eu” e o “outro” é intransponível, insuperável. A impossibilidade de irmanar duas entidades distintas e o receio de se ser “mal compreendido”, ou percebido de forma amputada são problematizados em ambos os textos de modos semelhantes, ainda que as suas premissas sejam inicialmente contraditórias:

E como seria doloroso ao mestre depois do Verbo sentisse atravessar o craneo d’Ella uma ideia falsa ou incompleta d’aquelle desejo! Se Ella o julgasse um convite ao beijo crástico e não a necessidade de crear o gesto harmónico com a Natureza na Epifania da Bruma? // [...] Silêncio penoso este, que veio depois. Não era o Mal da Palavra, era o medo da Ideia. O terror da confissão de impotência. (*Orpheu. Edição Facsimilada* 1989, 227)

“Névoa”, embora se centre numa dissociação entre “eu” e “outro” que é interior ao próprio sujeito (ainda que a sua alma se exteriorize enquanto personagem) e que, por isso, se distancia de Luar, já que este se unifica com a sua alma ao ponto de a poder expressar no corpo ou na escrita; o texto de Moraes analisa de forma semelhante o problema da expressão e da comunicação entre duas entidades que se revela, como na primeira parte de “Atelier”, sempre falhada, sem harmonização possível.

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

Questiona ainda, à semelhança da novela, ainda que não abordando directamente o problema da criação artística, qual o melhor meio para a expressão do “Pensamento”, da “Ideia”, da “Espiritualidade” e da “Existência”, acabando, contudo, num tom bem mais disfórico que o de “Atelier”: rendendo-se o “eu” à impossibilidade da comunicação que se mostra sempre impraticável, quer por meio da imagem, quer da palavra. Assim, enquanto Luar diz conhecer e dominar a forma de comunicar a alma – pela escrita –, o narrador de “Névoa” não encontra, dentro de si próprio, forma de comunicar, sequer, com a sua própria alma.

Conclusão

Raul Leal é um dos colaboradores de *Orpheu* que mais injustamente tem sido quase esquecido pelos estudos literários, obscurecido entre outros textos menores da revista. É indubitável que “Atelier, Novela Vertígica” versa, de facto, problemáticas e reflexões que despertaram o interesse da maioria dos artistas que colaboraram em *Orpheu* e, genericamente, o do Modernismo português de que a revista é um dos órgãos principais.

O que torna, porém, excepcional o texto de Leal não é, sobretudo, o levantamento dessas questões em si, mas sim o tratamento que lhes dá, a forma como as explora e soluciona. A proposta de Leal acaba por ser, assim, bem mais complexa que a da maioria dos “esquecidos” de *Orpheu* (como vimos com Castello de Moraes), apresentando o protótipo do verdadeiro e mais completo artista, simultaneamente inspirador e criador de arte, dominando a expressão da interioridade e da espiritualidade; e, mais

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

significativamente ainda, identificando subtilmente esse protótipo consigo próprio num auto – enaltecimento que lhe é habitual.

Luar é, no fundo, aquele que supera a cisão entre “eu” e “outro” ao desvalorizar a sua relação com o artista para se figurar como seu superior; aquele que, por outro lado, supera a duplicidade e incomunicabilidade inerente ao “eu” dividido, encontrando o meio ideal para a expressão pura da alma e harmonizando-se com ela. É, ainda, aquele que colmata as distâncias entre arte e vida, tornando a vida essa “mais alta expressão da arte”.¹⁴

Não tendo sido possível o estudo mais abrangente de outros textos pouco conhecidos de *Orpheu*, tomámos a opção de relacionar “Atelier” com “Névoa” porque, além deste segundo texto ser mais um dos pouco explorados da revista, é também uma óptima composição para se estudar por contraste e semelhança com o texto de Leal, já que, como vimos, o cerne das questões levantadas por Leal se encontram também no texto de Moraes, elaboradas de modo contraditório. É, além disso, uma boa composição para realçar a força emanada pela novela de Leal – enquanto a proposta de Moraes se esvai em impossibilidades e comunicações frustradas, a de Raul Leal culmina com o enaltecimento do “homem superior”, uno, “genial” e grandioso, conforme aos mandamentos futuristas, de certo modo.¹⁵ Enquanto Leal cria uma solução para a superação dessa

¹⁴ “Enquanto a ruptura estética aparece na sua visão do que deve ser o artista, e reside no facto de que a obra e a vida fazem apenas um” (P. Martins 2012, 151).

¹⁵ “É curioso, ainda, que Raul Leal, um dos mais sinceros e longevos futuristas portugueses, em nada se pareça com os futuristas de escola [...]. Raul Leal é a imagem mesma da pulsão irresistível para o bizarro e o excessivo, o disparo de girândolas de energia num eu que se expande até ao horizonte.” (F. Martins 2008, verbete “Leal, Raul”); “Contudo, a novela “Atelier” faz a demonstração duma ruptura estética através de diversos elementos que podemos por vezes ligar com o Futurismo. [...] Outro elemento próximo do futurismo e do

“Atelier, Novela Vertígica”:
a expressão da alma e a criação do artista sublime

temática tão versada em *Orpheu* – a distância entre “eu” e “outro” –, dando-lhe características originais e próprias, Moraes expõe em “Névoa” meramente a temática em si, sem lhe conferir qualquer traço significativamente original, sem lhe trazer qualquer tipo de novidade ou excepcionalidade dentro da revista.

“Atelier” é, em última análise, a manifestação sublime do “homem completo” que superou os seus fantasmas e se unificou consigo próprio.

Raul Leal é, deste modo, um autor que eleva as suas concepções artísticas acima dos epígonos e que lhes dá formas originais e próprias, sustentando-as, ainda e como fazem outros nomes maiores de *Orpheu*, através de um sistema filosófico complexo e específico.

O abandono a que tem sido condenado “Atelier” é, deste modo, uma perda significativa para o conhecimento mais completo e vasto do Modernismo português e da própria revista que lhe tomou as rédeas, sendo, porventura, um texto digno de ser elevado e equiparado àqueles dos nomes maiores de *Orpheu* - Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e Almada Negreiros -, trabalho de elevação e equiparação esse que nos parece ser da maior importância para o definitivo resgate de Raul Leal ao esquecimento e que deveria ser o próximo passo neste processo que aqui tentámos iniciar, ao distanciá-lo do conjunto de nomes entre os quais se tem visto obscurecido.

Demonismo situa-se ao nível formal pelo seu aspecto caótico. De facto, Raul Leal opera no texto uma desestruturação quase sistemática da sintaxe [...]. Assim, o autor faz alternar de maneira irregular frases com uma sintaxe invertida, desestruturada e frases normais, provocando no leitor uma sequência de movimentos elípticos, horizontais e verticais próximos das sensações provocadas pela vertigem. Isto liga-se perfeitamente às investigações *mot-libristes* de Marinetti que desejava ver as palavras exprimir sensações dinâmicas [...] sem que o espírito lógico viesse quebrar esses movimentos” (P. Martins 2012, 146).

Bibliografia

- Lopo, Rui. 2013. “Raul Leal e Fernando Pessoa: um sublimado furor diabolicamente divino”. *Pessoa Plural. Revista de Estudos Pessoaanos* 3: 1-27. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/27642/3/PP3_artigo1.pdf?ln=pt-pt
- Martins, Fernando Cabral. 2008. “Leal, Raul” in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- Martins, Pedro. 2012. “O Demonismo na Revista *Orpheu*: Raul Leal e a Novela Vertígica “Atelier””. *Abril – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF* 4 (8): 141-152. <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/166/105>.
- Neves, Márcia Seabra. 2007. “O teatro mínimo de Henocho. Uma leitura de *O Incompreendido (drama psicopatológico em 3 actos e 4 quadros)*, de Raul Leal”. *forma breve 5. Revista de Literatura. Teatro Mínimo*, 125-137. <file:///D:/Transfer%C3%A0ncias/266-975-1-PB.pdf>.
- Orpheu. Edição Facsimilada*. 1989. Lisboa: Contexto.
- Pessoa, Fernando. 2006. *A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*. Lisboa: Editorial Nova Ática.